

# OCUPAÇÃO HOTELEIRA EM FUNÇÃO DA ESTACIONABILIDADE

Por  
Aníbal Soares

## INTRODUÇÃO

Em primeiro lugar, eu quero agradecer aos organizadores do IV Curso Luso-Espanhol, o gentil convite que me foi feito para tomar parte nesta reunião.

Tendo assistido desde o início, em 1969, ao desenvolvimento destes cursos que reúnem, todos os anos e durante uma semana, um grupo de técnicos e administradores turísticos e hoteleiros para uma troca de impressões, sempre valiosa, no intuito de se procurar novas e melhores soluções para os candente problemas da indústria hoteleira.

É, pois, na qualidade de técnico de hotelaria que aqui me encontro, para falar sobre a ocupação nos hotéis, problema que apreciado em função de estacionabilidade, ou em função de outros factores, é aquele que mais preocupação traz a todos os empresários desta indústria.

I Tentarei em primeiro lugar expôr alguns elementos que me pareçam mais relevantes como causa de instabilidade dos índices de ocupação dum hotel ao longo do ano.

II A seguir confrontarei com base em dados estatísticos as diversas zonas e lugares do nosso país.

III Farei depois algumas reflexões e se me permiterem, tentarei encontrar as causas geradoras das diferentes percentagens encontradas. Apresentarei conjuntamente algumas sugestões, todas elas já do conhecimento geral dos presentes, e que se não servirem para mais, pelo menos suscitarão motivo para uma troca de impressões, quer imediatamente a seguir às nimhas palavras, quer no decorrer dos restantes dias, aqui em Palma de Mayorca.

IV Nomearei, finalizando, alguns esforços levados a cabo por certos países membros de OCDE, no intuito de neutralizar os efeitos nocivos causados pela estacionabilidade na indústria hoteleira.

## I

FACTORES QUE INFLUENCIAM A OCUPAÇÃO HOTELEIRA  
A PAR DA ESTACIONABILIDADE

A maior parte das pessoas que se inicia na hotelaria pensa que vai integrar-se numa actividade comercial e industrial, em franca fase de expansão e muito próspera...

Trata-se, sem dúvida, de uma indústria que se distingue das demais por, além de outras razões, não produzir para um stock. Refiro-me aqui exclusivamente ao sector «quartos», pois o mesmo já não seria pertinente, no que respeita ao restaurante, se nos transportarmos ao contexto americano, na sua forma «convenience foods». Este método assemelha-se a uma verdadeira fábrica de alimentos previamente preparados, para serem consumidos onde e quando se desejar.

Referindo-nos, assim, ao quarto como produto vendável, ele singulariza a indústria hoteleira, pois o que não for alugado hoje, será impossível recuperar amanhã, registando-se sempre uma perda ocasionada por essa falta de ocupação, o que não acontece normalmente com os vulgares stocks.

Quanto à pressuposição de que a nossa indústria é próspera, devemos conceder que ela atravessa uma fase de franca expansão, mas daí à prosperidade vai grande distância. Há sempre que distinguir. Em regra os grande hotéis de luxo com várias centenas de quartos e boa percentagem de ocupação, apresentam compensadora rentabilidade. O mesmo não se poderá afirmar da pequena hotelaria que muito prolifera por todo o país. Não nos referimos apenas a estabelecimentos antigos, construídos há algumas dezenas de anos.

Pretendemos sobretudo, chamar a vossa atenção para os que presentemente se acabam de construir, ou que estão em via de construção e para aqueles cujos projectos se entram submetidos à apreciação superior.

Todos conhecemos os motivos por que muitos foram edificados: alguns deles devem a sua construção a razões sentimentais; outros são

adquiridos por mera vaidade e snobismo, ou ainda por razões secundárias, onde a hotelaria tem muito pouco que ver.

Talvez seja difícil de acreditar no que acabamos de dizer, mas decerto alguns dos presentes sabem, tão bem como nós, que infelizmente são ainda bastantes e muito recentes casos como os que acabamos de mencionar. Tais hotéis ou similares estão desde logo votados ao mais completo insucesso. Por vezes as suas dimensões são irrisórias; noutras os constructores executam a obra como se de uma moradia particular se tratasse. Acontece ainda que certos proprietários escolhem os sítios mais inconcebíveis para o levantamento de um empreendimento turístico; finalmente, outros dirigem-no como se tratasse de uma actividade qualquer, menos hoteleira.

Todos estes factores acabam por influenciar a ocupação durante o decorrer do ano, visto que um hotel bem estruturado, com situação adequada e dirigentes à altura, pode mais facilmente que outro em condições diferentes, fazer face às alternâncias climatéricas.

Gostaríamos ainda de frizar que não damos como esgotadas as razões que contribuem para uma maior ou menor percentagem de ocupação; apenas mencionamos as que por agora nos parecem as mais importantes, pois dado o tempo relativamente exíguo que temos diante de nós, vimo-nos abrigados a deixar alguns pormenores considerados menos típicos.

Não podemos, contudo, antes de passar ao tratamento de alguns dados estatísticos, deixar de referir muito especialmente a influência que a capacidade hoteleira exerce na percentagem de ocupação, dentro das diversas épocas do ano. Estão ambas intimamente ligadas, capacidade e estacionabilidade, que seria incongruente falar numa, ignorando a outra. Todas as restantes razões, em face desta, não têm a importância que isoladamente lhes cabe, muito especialmente no que se refere a hotéis considerados pequenos, ou eja, até 50 quartos, para o nosso país.

Falaremos, pois, mais adiante, nas eventuais possibilidades de melhoria da ocupação hoteleira e de todos os problemas que duma maneira ou doutra contribuem para que a estacionabilidade provoque alterações tão graves na percentagem de ocupação dos nossos hotéis.

## II

## DADOS ESTATÍSTICOS

Vejam, agora, baseando-nos em dados estatísticos fornecidos pelo Gabinete de Estudos e Planeamento da Direção-Geral do Turismo, o período de Dezembro 1971 a Agosto do ano corrente, sob o ponto de vista da ocupação hoteleira.

Começaremos então pelo conjunto de todas as zonas de Portugal Continental e Insular, constituídas por vinte distritos, servindo-nos da última coluna horizontal dos mapas, que figuram no anexo destes apontamentos.

Poder-se-á facilmente verificar na rubrica «Total de Hotéis» a subida de percentagem de ocupação desde Dezembro até Agosto. Situando-se no começo do Inverno em 29,2 por 100 —ocupação-cama— mantém-se ainda em Janeiro, para iniciar uma subida de 10 por 100 mensal em Fevereiro e Março, atingindo assim, no começo da Primavera, cerca de 50 por 100.

Estes 50 por 100 manter-se-ão com ligeiras oscilações até final de estação florida, subindo vertiginosamente em pleno verão, atingindo quase 70 ou 80 por 100 nos meses de Julho e Agosto, respectivamente. Esta média abrange qualquer tipo de hotel, independentemente da sua classificação, situação geográfica e capacidade de alojamento.

Se contemplarmos agora as diferentes classes de estabelecimentos, não considerando o lugar em que se situam, constataremos que, ao contrário do que o grande público, por vezes imagina, são de uma maneira geral os hotéis de categoria superior que apresentam maior índice de ocupação. Neste caso particular os de quatro e cinco estrelas destacam-se nitidamente dos restantes por uma diferença que se mantém de uma maneira quase constante ao longo do ano.

Dentro das diversas zonas de Portugal, e utilizando os distritos como termo de comparação vejamos agora alguns elementos estatísticos:

Ordenados de Norte para Sul, escolhemos Viana do Castelo, Braga, Porto, Coimbra, Lisboa, Costa do Sol e Faro. Excluimos propositadamente o caso típico de Ilha da Madeira, pois devido ao seu clima excepcionalmente regular, a estacionabilidade não intervem de forma tão

acentuada como no Continente. Além disso, como se pode verificar pelos mapas, a sua época alta situa-se à volta do mês de Março, exactamente quando nas outras zonas em geral a percentagem de ocupação está longe de ser satisfatória.

Na selecção efectuada figura, como se pode verificar, uma representação elevada do Norte. Tal escolha não foi motivada por um excesso de bairrismo da nossa parte, mas apenas por ser nessa zona de Portugal que a estacionabilidade mais influencia a ocupação hoteleira.

Separaremos, por exemplo, Braga que que reúne grande número de hotéis situados nas zonas ditas de elite do turismo nortenho, especialmente no que respeita ao litoral, para a compararmos com os restantes distritos citados.

Preferimos este método em lugar de recorrermos a uma percentagem de ocupação ideal, para melhor e mais concretamente podermos comparar as diversas regiões dentro do tema base.

Iniciando de novo o confronto pelo princípio do Inverno, verifica-se cerca de 20 por 100 ocupação-cama no primeiro mês e meio, baixando de quase 10 por 100 nos dois seguintes, para duplicar na Primavera, indo até 30 por 100 em Abril e Maio. Com a chegada da época estival, sobe na ordem dos 50 por 100, atingindo perto de 80 por 100 no mês de Agosto. A percentagem anual é de 40,5 por 100. Estas cifras referem-se, como é obvio, à media de todo o distrito, pois, como se pode observar, estes números estão aquém dos encontrados em alguns hotéis do litoral, onde a percentagem anda muito perto de 100 por 100, em pleno Verão.

Comparemos agora a ocupação da hotelaria do distrito de Braga com as restantes.

Analisemos Viana do Castelo: tratando-se de um distrito situado dentro de uma zona nortenha com grande semelhanças com a anterior, não deparamos, como aliás é normal, com grandes oscilações, notando-se menores diferenças nos meses de pleno Verão. A sua percentagem é sensivelmente igual à de Braga. Se escolhermos também esta zona para a citarmos entre as seleccionadas, foi pelo facto de se terem levado ali a efeito, relativamente há pouco tempo, vários empreendimentos turísticos.

A área do distrito de Coimbra, com a cidade e praia incluída, apresenta até Agosto uma ocupação superior em 5 por 100 à da região bracarense. Essa percentagem, realizada sobretudo nos meses de fim

de Primavera e Verão, atinge o seu máximo com 82 por 100 em Agosto.

Continuando pelas regiões do litoral, examinemos os dados que possuímos em relação à Costa do Sol onde a exploração hoteleira, sob alguns aspectos se pode considerar a mais representativa de Portugal.

Possuindo uma percentagem médio de ocupação-cama, da ordem dos 50 por 100, dentro do período estudado, atinge uma superioridade de 10 por 100 apenas, em relação ao distrito de Braga, sendo até inferior no mês de Janeiro. O seu máximo é alcançado, como em todo o litoral continental, em Julho e Agosto, com cerca de 82 por 100 neste último mês.

Finalmente o Algarve, zona tão discutida no momento e para onde se dirijem actualmente as atenções das empresas turísticas, quer nacionais, quer estrangeiras. Representada para fins estatísticos, pela sua capital de distrito, Faro, atinge até Agosto uma média superior a 68 por 100. Este número, o maior alcançado em todo o território português, deixa-se apenas aproximar pela cidade de Lisboa e pela Ilha da Madeira. E claro que tal superioridade em relação ao Norte, torna difícil estabelecer qualquer semelhança entre estes dois extremos geográficos. Para ilustrar o que acabamos de dizer, basta consultar as estatísticas e logo concluiremos que, à parte do mês de Janeiro, em que os números aproximados de 20 por 100 são por assim dizer idênticos, todos os restantes são superiores na ordem dos 10 por 100 em Dezembro, ultrapassando os 50 por 100 em Março. Esta última cifra atinge cerca de 5 vezes a ocupação do Sul em relação ao Norte pela altura da Primavera.

Deixamos para o fim Porto e Lisboa, para em conjunto as compararmos com Braga, mas, neste caso, simultaneamente também entre si. Como nos é impossível possuir elementos do distritos do Porto com a respectiva separação da zona urbana do litoral, e dos subúrbios, vemo-nos assim forçados a considerar também da mesma forma a região de Lisboa, o que nos impede de incidir o nosso estudo sobre a parte cidadina propriamente dita.

Verificamos assim em média uma superioridade do distrito de Lisboa em confronto com os dois outros, sendo de cerca de 10 por 100 a distância que separa a zona portuense da lisboeta. Quanto à diferença do Distrito de Braga para o do Porto, é apenas de 3 por 100 inferior a este.

Confrontando as diversas épocas do ano, chegamos às seguintes conclusões: entre Porto e Lisboa, mantém-se uma vantagem em ocupação hoteleira, deste sobre aquele, de cerca de 2,5 por 100 nos meses de Dezembro, Janeiro e Fevereiro. Este desnível vai aumentando com o fim do Inverno e começo da Primavera, diminuindo ligeiramente a partir de Maio, para subir de novo em Julho, onde atinge o máximo com mais de 25 por 100.

Em comparação com Braga, vimos que a região do Porto se apresenta quase sempre com uma diferença em acréscimo, que aumenta gradualmente na época invernal de 2 a 24 por 100, diminuindo com a chegada da Primavera, para dar lugar à zona bracarense que a ultrapassa aproximadamente em 5 por 100 com o início do Verão, atingindo uma superioridade de 12 por 100 em Agosto.

Confrontando, por último, Lisboa e Braga, verifica-se uma diferença sobre a zona nortenha, que sendo de 4 por 100 aproximadamente em Dezembro, alcança os 30 por 100 na Primavera, diminuindo em seguida este máximo, salvo algumas oscilações de menor ou maior intensidade, para 6 por 100 em Agosto.

Terminando este sumário estudo estatístico sobre a ocupação-cama em algumas regiões de Portugal Continental, debruçemo-nos agora sobre as possíveis causas que julgamos interferir em tão grandes desníveis, permitindo-nos ainda algumas considerações a propósito das irregularidades verificadas.

### III

#### CONSIDERAÇÕES DIVERSAS SOBRE O TEMA EM DEBATE

Duma maneira geral a estacionabilidade faz com que a ocupação hoteleira varie constantemente, processando-se estas diferenças por um mínimo durante a época invernal, subindo com relativa lentidão no decorrer do ano e atingindo o seu máximo no Verão.

Rapidamente se conclui que o factor predominante na variação da percentagem da ocupação hoteleira é o clima. Ninguém dúvida, que a maioria dos turistas que nos visitam vêm procurar o sol, elemento vital que atingiu nos nossos dias uma tão elevada cotação que obriga os felizes povos das regiões que o possuem a comercializá-lo de todas as formas ao seu alcance, esquecendo por vezes as respectivas infraestrutu-

ras, base de sustentação do fluxo turístico assim provocado. Embora nos centros urbanos importantes, também se verifique um grande aumento turístico durante o Verão, a grande maioria das pessoas que fazem férias com estadia mais ou menos longa, aproveita os lugares onde melhor pode beneficiar das vantagens do sol.

Estes nossos considerandos referem-se ao litoral, excluindo, como é óbvio, alguns países da Europa, nomeadamente aqueles onde se praticam desportos de inverno, os quais vêem aumentar em cada ano o número dos seus adeptos.

Independentemente do factor climatérico, poderemos considerar ainda outras razões capazes de provocar um certo movimento turístico fora da chamada «época de ponta», e em zonas que não são as que habitualmente os turistas procuram. Entre elas podemos destacar as manifestações internacionais de toda a ordem, nomeadamente sob o ponto de vista cultural, técnico e desportivo.

Dentro do cômputo geral da indústria hoteleira, acostumamo-nos a presenciar determinados hotéis com um satisfatório índice de ocupação e outros com frequência bastante inferior. Segundo a localização dessas unidades verificamos que por exemplo no interior, longe dos centros urbanos, são talvez as de categoria média, aquelas que atingem maior ocupação-cama, ao passo que nas grandes cidades e centros de veraneio, são as de classificação superior que apresentam maior rentabilidade. Estes factores, ou seja, a classe do estabelecimento e a localização, são de importância máxima, na indústria hoteleira.

Por isso, a escolha da categoria pretendida deverá ser objecto dum estudo profundo para que a construção, decoração e equipamento do hotel, se faça desde o seu início dentro de um critério absolutamente determinado.

Outro factor a ponderar: a capacidade

Sabemos todos que é muito mais fácil «vender» um hotel com uma centena de quartos, do que obter a frequência desejada com apenas 20 ou 30. Como é lógico, partimos do princípio de que iremos estabelecer contactos com agências de viagens e com outra empresa susceptíveis de nos enviarem clientes.

O hotel em si deverá ainda ter a possibilidade de oferecer à sua clientela salas para reuniões e convívio e, caso se encontre longe de centros urbanos, possuir as instalações adequadas para permitir a essas mesmas pessoas uma utilização racional do tempo livre.

Não queremos, é certo, minimizar as possibilidades de sobrevivência dos estabelecimentos considerados pequenos. Eles, por vezes, com ligeiras modificações na sua estrutura e sendo administrados adequadamente, podem vir a representar a nossa indústria tão dignamente como os de porte superior. Infelizmente este condicionalismo nem sempre se obtém, e essa é a principal razão por que tão precariamente alguns subsistem, tornando-se cada vez maior as suas dificuldades, com as exigências que dia a dia a clientela apresenta, habituada às facilidades oferecidas pelos congêneres de maior envergadura ou melhor adaptados e estruturados para as necessidades modernas.

Nesta análise que vimos fazendo sobre os factores determinantes da estacionabilidade, torna-se imperioso falar sobre a localização de certos empreendimentos dentro de uma determinada zona, e considerar ainda o seu estudo arquitectónico e técnico. A preparação de dirigentes merecerá ainda a nossa atenção.

É bem verdade que a construção de hotéis está hoje regulamentada e portanto protegida pela Direcção-Geral do Turismo, que só permite a edificação governamental não se estende a certos aspectos como seja o da execução de projectos que podem ser entregues a entidades mal preparadas para levar a cabo construções especialmente destinadas à indústria hoteleira. Não está previsto que funcionários do turismo orientem até ao pormenor, nem acompanhem passo a passo as obras a realizar. Tão pouco existem regras fixas para determinar a situação de diversas secções dum hotel; muito menos se podem esperar oficialmente conselhos sobre este ou aquele material e equipamento decorativo ou funcional.

E quanto ao local ideal para a construção do imóvel? Neste ponto, creio que a maior parte dentre nós poderá citar exemplos de proprietários que escolheram determinado lugar por este lhe parecer mais «jeitosinho», entre os terrenos que em tempos adquiriu ou herdou e que até à altura tinham servido para a lavoura. Haverá ainda alguém que duvide que certos sítios onde agora se situam hotéis ou restaurantes teriam um rendimento sobre o capital investido muito superior, se em lugar de serem destinados a esta indústria se tivessem lá construído um armazém de mercadorias, por exemplo? Não se queixem pois, tais proprietários, nem queiram, uma vez as asneiras feitas, pretender tirar dum edifício que só por acaso nasceu hotel os benefícios que sob melhor orientação poderiam usufruir.

Finalizemos esta rúbrica com uma palavra, para os técnicos dirigentes da hotelaria portuguesa.

Perdoem-nos se atingimos alguém involuntariamente com as observações já feitas e com as que ainda temos para fazer.

Se há pessoas que não sendo hoteleiros —refiro-me àqueles que não o eram e que dum momento para outro passaram a sê-lo— são capazes de dirigir um hotel tão bem como têm dirigido fábricas, ou comércios de tipo diferente, outros existem que não tem a mínima ideia da responsabilidade que representa para um país a administração hoteleira. Não têm, nem podem ter. Falta-lhes a experiência, falta-lhes escola. É certo que se vêem diariamente indivíduos mudando de profissão; mas será que se pode conceber a entrada dum médico na barra dum tribunal de um momento para o outro? Talvez esta comparação peque por excesso, mas hoje em dia avoluma-se o número de pessoas que, vindas dos mais diversos meios profissionais e, ou, por neles terem falhado ou por verem lucros fáceis na nossa indústria, se convertem repentinamente em dirigentes hoteleiros; desta arribação emergem inevitavelmente erros de que o turismo sai lesado.

Tais situações tanto ocorrem no nosso país, como nos outros, com tradições turísticas bem antigas; a exemplo de alguns deles, estão já os nossos organismos competentes a estudar maneira de pôr termo a esta situação por demais irregular.

Acabaremos estas considerações sobre as estatísticas analisadas anteriormente, falando sobre a influência causada pela estacionabilidade dentro das diversas regiões consideradas.

Agrupemos essas zonas de modo a formarmos os 3 géneros de região que pretendemos analisar: litoral, interior e urbana. Algumas delas encerram mais do que um dos 3 géneros citados, a maior parte das vezes contendo-os mesmo todos. Por essa razão, iremos tratar cada tipo em separado e verificar como contribuem as diferenças climáticas nas oscilações verificadas no índice de ocupação.

Poderemos afirmar que é no litoral, que se notam mais variações na rendibilidade hoteleira, proveniente da frequência de turistas. Não nos conformamos agora com a simples leitura das estatísticas por distrito.

Gostaríamos, sim, de possuir esses mesmos dados, referentes às praias do nosso continente. Saber que Braga tem uma determinada percentagem e que o Porto tem outro, não nos pode levar a pensar

que os hotéis das praias dos dois distritos, possuam uma frequência proporcional a esse mesmo montante. Pretendemos por esse motivo abstrair agora, desses números fixos e basear-nos apenas no que a nossa experiência nos tem permitido observar.

Consideramos de certo modo errado continuar a pretender lançar os nossos ímpetos publicitários sobre as praias frias com água gélida, no intuito de promover o litoral nortenho. Quando falamos do Norte, referimo-nos como é obvio, aos países irmãos, Portugal e Espanha. Não é difícil atrair uma só vez, releve-se, turistas de países longínquos que certamente nunca ouviram falar destas regiões, mostrando um grande número de bonitos desdobráveis, representando a nossa zona. Será que os ditos turistas voltarão àqueles recantos de Península? Alargamos esta dúvida a toda a extensão do continente e não somente à parte Norte.

Porque não insistir de preferencia no interior junto desse mesmo litoral, onde a beleza paisagística e bem superior às praias uniformes e monótonas que têm como único atractivo o sol, de difícil aparição, na época invernal? Cremos que com uma promoção a nível internacional e estruturada a longo prazo, se poderia ver os hotéis do Norte de Portugal e Espanha, com uma ocupação-cama mais elevada para os anos vindouros.

A zona do interior acusa essa promoção, quanto a nós insuficiente e, por isso, a sua ocupação hoteleira é preenchida normalmente pelo viajante ou homem de negócios, que devido à sua actividade profissional se vê obrigado a demandá-la. Modifica do as instalações existentes e construindo outras em lugares de reconhecido interesse panorâmico, poderíamos atrair também certa clientela, que presentemente foge para regiões mais hospitaleiras e dotadas de melhor equipamento hoteleiro. Exemplo típico do que acabamos de afirmar, são as pousadas, as quais sendo estabelecimentos pequenos e em regra geral isolados dos núcleos de grande afluência turística, apresentam a maior ocupação-cama da hotelaria portuguesa.

Quanto aos centros urbanos seria difícil estabelecer qualquer comparação, baseada apenas em dados oficiais, pois como dissemos anteriormente, só de Lisboa possuímos estatísticas da cidade, isoladas do restante distrito. No entanto, pelo que nos é dado observar, pensamos não estar longe da verdade ao afirmar que aglomerados citadinos onde as sedes de companhias nacionais e delegações de firmas com projecção

internacional se estabeleceram, verão desenvolver-se progressivamente a ocupação dos seus hotéis. É nas grandes cidades ainda, que se verificam os mais altos índices de ocupação, sobretudo nos hotéis de grande capacidade e elevada categoria. Deve-se este último facto principalmente à maneira como tais organizações são administradas. Observa-se tanto na grande hotelaria de carácter nacional, mas essencialmente na representada por elementos de grupos estrangeiros com presença noutros centros populacionais importantes, uma canalização permanente da clientela, originada por uma promoção específica e bem dirigida, por parte dessas mesmas entidades.

Concretizando, poderemos concluir que é portanto nos meios urbanos que menos se verificam elevadas oscilações motivadas pela estacionabilidade e, dentro do âmbito destas variações notar-se-á uma menor grandeza, quando maior for o agrupamento populacional.

#### EXTRACTOS SOBRE A ACTIVIDADE PROMOCIONAL DE ALGUNS PAÍSES MEMBROS DA O. C. D. E. NO CONTEXTO DA ESTACIONABILIDADE

Com base em relatórios publicados pela O. C. D. E. relativos a 1971, vamos revelar algumas medidas levadas a cabo pelos governos de alguns países, numa tentativa de contrariar os efeitos nocivos que a estacionabilidade provoca no rendimento hoteleiro.

Campanhas publicitárias foram lançadas pelos organismos oficiais do turismo de diversos países, apoiando intensivamente as vantagens que podem advir do turismo de baixa estação.

Ainda dentro deste domínio, provocaram-se seminários reunindo representantes de agências grossistas e outros técnicos do mercado turístico, conjuntamente com membros oficiais das nações organizadoras, nos quais se estabeleceram medidas capazes de incentivar o turismo da estação estival.

Entre outras, distingue-se a promoção empreendida por diversas regiões do Reino Unido e da França, que além duma redução notável de preços para o período de menor procura, oferecem aos turistas atrações especiais durante a chamada baixa estação.

Outros países elaboraram projectos com a finalidade de alargarem a todos os meses de Verão a procura dos lugares de veraneio, descongestionando assim o período de Agosto. Além disso, procedendo a estudos com vista a uma melhor distribuição tanto das férias escolares como dos vários factores profissionais, divisionando-as ao longo do ano, contribuíram de maneira bem eficaz para uma melhoria da ocupação hoteleira.

Sem dúvida, um dos processos mais válidos para o desenvolvimento turístico das regiões do interior, dentro das épocas menos favorecidas, é a construção de estradas e o alargamento da redes ferroviária. Como exemplo concreto desta política e segundo dados oficiais poderemos citar a Espanha, com a construção de oito estradas nacionais em 1971, servindo zonas turísticas.

Como tributo também a nível governamental, para o desenvolvimento do interior a longo prazo, parece-nos importante lembrar a criação dos parques nacionais, provocando simultâneamente um fluxo crescente de adeptos da natureza e preservando dentro de regiões protegidas, zonas quase totalmente isentas de poluição. Citamos como ilustração o Parque Nacional da Peneda, no Norte de Portugal.

Entre os países que duma ou doutra maneira têm levado a cabo esforços para incrementar o turismo de estação calma, destaca-se a Irlanda, com as suas campanhas promocionais, motivando actividades de interesse especial: festivais, pesca, caça, golf, conferências internacionais, etc.

A Noruega bem como o Canadá, Suíça, Áustria e Alemanha, desviam sobretudo as suas atenções para os desportos de inverno. Estas duas últimas dirigem os seus esforços para uma mais racional distribuição das férias escolares, anteriormente mencionada. Ainda sobre este assunto, a França estudou um novo escalonamento de férias para que a indústria automóvel interrompa a sua elaboração, como habitualmente fazia, organizando para o efeito programações especiais de trabalho.

No âmbito de uma promoção a nível nacional, poderemos nomear entre outros, Portugal e o Reino Unido, com programações apropriadas visando o desenvolvimento do turismo interno.

Debaixo ainda da orientação do Governo, diversas estações piloto de veraneio, espalhadas por todo o território francês, oferecem aos visitantes de Junho e Setembro as mesmas atrações dos meses de Julho e Agosto, com uma redução de preços nos hotéis da ordem dos 15 a 20

por 100. Caso idêntico se verifica em Portugal, onde os estabelecimentos hoteleiros da zona litoral em geral e os de toda a província algarvia em particular, têm de efectuar uma redução de 15 por 100 no custo do alojamento, aos turistas que os visitam de Novembro a Fevereiro inclusivé. Infelizmente não é possível aos hoteleiros proporcionar nessa época, todas as distrações que habitualmente existem nos meses de Verão.

Por todo o mundo se verifica, uma tendência para um desenvolvimento turístico, procurando-se uma distribuição mais uniforme dos centros de atração, contribuindo assim eficientemente para atenuar os efeitos duma centralização das zonas congestionadas.

Em 1970, a Comissão Europeia de Turismo, organizou em Nova Iorque um seminário sobre «Turismo de Congressos», factor que contribui notavelmente para aumentar o índice de ocupação, não só nos centros urbanos, onde habitualmente essas manifestações toman lugar como também nas regiões do interior e do litoral, pelas visitas que em regra se promovem no final das reuniões.

Em 1971, o programa da CET foi orientado no sentido de dar a conhecer ao povo americano o interesses que a Europa Ocidental lhe pode oferecer.

Sob o plano puramente publicitário, têm feito também a maior parte dos países, onde o turismo ocupa um lugar de relevo no seu desenvolvimento económico, campanhas de promoção à estação baixa, pois o facto de na maioria dos membros da OCDE o turismo aingir um grave congestionamento nos meses de ponta, acarreta problemas que vão além da indústria hoteleira pròpriamente dita.

A par dos esforços já citados, levados a efeito pelas entidades oficiais dos países turfsticos, com finalidade de promover um interesse pelos lugares menos frequentados, diminuindo assim a afluência aos centros mais saturados, verifica-se uma tendência generalizada para a redução da semana de trabalho.

Prevendo-se assim, num futuro breve, fins-de-semana prolongados, criar-se-á a necessidade de aproveitamento racional do tempo libre. Será talvez este fenómeno, a maneira mais eficaz de promover um Turismo de todo a ano, atenuando definitivamente as variações da ocupação hoteleira, provocadas pelas diferenças climáticas.

## CONCLUSÃO

Analisámos as diversas formas como a estacionabilidade pode influenciar a ocupação hoteleira.

Verificámos e estudámos essa influência no conjunto das diferentes categorias e capacidade de hotéis, assim como nos diversos tipos de região turística, comparando-as entre si.

Esboçámos também algumas sugestões para uma melhoria dos índices de ocupação.

Descrevemos sucintamente os esforços levados a efeito actualmente, pelos países da OCDE, para reduzir os problemas ocasionados pela estacionabilidade.

Ficamos sobretudo convencidos, de que nos debruçámos sobre um assunto da maior importância no contexto turístico, uma vez que a indústria hoteleira nele representa uma parte de grande destaque. Tudo aquilo que se faça, contribuindo para um aumento da ocupação com tendência a torná-la tão uniforme quanto possível e cada vez mais independente da estacionabilidade, é colaborar estreitamente para o desenvolvimento económico dum povo que, como o nosso, tem no turismo a sua principal fonte de receita.

Gostaria, para terminar estas palavras, de dirigir um agradecimento ao Presidente desta mesa e de exprimir a minha gratidão a todos quantos me deram a prazer de assistir a esta exposição.